



Desvelando memórias do Instituto de Matemática e Estatística da UFRGS

Ana Lérica Pacheco Gutierrez¹

Maria de Lourdes Borges²

Resumo: Este artigo objetiva apresentar uma sistematização da trajetória do Instituto de Matemática e Estatística (IME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de 1959 a 2016, desvelando algumas memórias da instituição. São apresentados inicialmente aspectos teóricos sobre complexidade, memória social, abordagens institucionalistas e memória institucional. Foi realizada uma pesquisa qualitativa que envolveu análise documental e dezoito entrevistas semiestruturadas, sistematizadas e analisadas segundo a análise de conteúdo. Os resultados indicam que a trajetória do IME pode ser sistematizada em duas fases principais: a antiga (1959 – 1985) e a contemporânea (1985 – 2016). Percebem-se vários elementos em comum entre as duas fases, sobressaindo-se os de conquistas e desafios. Entre os desafios destacam-se uma fragmentação de memórias onde algumas lembranças centram-se mais nos cursos do que no IME, bem como grande foco na administração e planejamento presentes, tais como entraves administrativos macroinstitucionais, assim como conflitos internos. Entre as conquistas destacam-se a multiplicidade de memórias, o protagonismo dos professores Tietböhl (1989) e Rodrigues (1991), a inclusão da Estatística ao então Instituto de Matemática (2015), bem como a busca pela articulação de um espaço de reflexões, de práticas educacionais e administrativas e de memórias compartilhadas.

Palavras-Chave: Memória Social; Memória Institucional; Instituto de Matemática e Estatística; UFRGS.

Revealing memories of the Institute of Mathematics and Statistics of UFRGS

Abstract: This article presents a systematization of Statistic and Mathematics Institute (IME) of Federal University of Rio Grande do Sul trajectory, between 1959 and 2016, revealing some institutional memories. First it presents theoretical aspects about complexity, social memory, institutionalists approaches and institutional memory. A qualitative research has been carried out that involved documentary analysis and eighteen semi structured interviews systematized and analyzed using content analysis. The results demonstrate that the IME trajectory was classified in two main steps: old stage (1959 - 1985) and contemporary stage (1985 – 2016), both with several points in common such as achievements and challenges. The challenges includes fragmented memories, oriented to math course than IME, as well as with the main focus in planning and managing presents, such as macro-institutional administrative obstacles and internal conflicts. The achievements includes the multiplicity of memories, the university teachers professors Tietböhl (1989) and Rodrigues (1991) leadership, the statistical science insertion on Mathematics Institute (2015), and as well as the search for a place for reflection about educational and administrative practice, and memories shared.

Keywords: Social Memory; Institutional Memory; Statistic and Mathematics Institute; UFRGS.

Introdução

Este artigo objetiva apresentar uma sistematização da trajetória do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul de 1959 a 2016, desvelando algumas memórias da

¹ Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle (Canoas/RS).

² Doutora em Administração pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle (Canoas/RS). E-mail: malu@gmail.com

instituição. O Instituto de Matemática e Estatística (IME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi criado em março de 1959, mas tem sua origem como um departamento de Matemática na antiga Faculdade de Filosofia, no início da década de 1940, no processo de expansão da pesquisa e do ensino da Matemática, e posteriormente de Estatística, no Rio Grande do Sul. Em sua trajetória, o IME registra quatro mudanças de sede, até a localização atual no Campus do Vale, a partir de 1985.

O campo da memória tem sido objeto de incursões de poetas e filósofos, em linhagens de pensadores que se reportam a Platão e Aristóteles. (COSTA, 1997; DERRIDA, 2001; ASSMANN, 2011). A transmissão dos legados, individuais ou coletivos, do passado pode ser atribuída ao fato da escrita ter se consolidado diante da transmissão de saberes através da oralidade, ou mnemotécnica, nas sociedades ocidentais. (ASSMANN, 2011; CANDAU, 2014). A memória tem sido apropriada como tema de interesse de muitas áreas, mas na área das Ciências Humanas e Sociais encontra um terreno fértil para análises. (ASSMANN, 2011; CANDAU, 2014; DERRIDA, 2001; FOUCAULT, 2008; RICOEUR, 2007; NORA, 1993). Os estudos em memória social ganham especial desenvolvimento na segunda metade do século XX e neste início de século XXI, diante de uma percepção de que o desenvolvimento tecnológico e as transformações advindas da era da informação não tem sido suficientes para responder a problemas como guerras, pobreza e desigualdades. (MINAYO, 2009; SCHMITT, 2005).

Em nível local, problematizar a memória no espaço institucional torna-se uma oportunidade de propor novos caminhos para antigas incertezas. Em certa medida somos todos herdeiros e testemunhos do passado e responsáveis, no presente, por projetar algum futuro. (MOLINA; VALENTIM, 2011)

Nesse sentido, a pesquisa se alinha a uma vertente contemporânea de trabalhos que lançam o olhar para a memória científica nacional, e para a memória da UFRGS, em especial (GOMES, 2016; GOULART, 2016; CAMPOS, 2014; BARBOSA, 2010; entre outros). Os ambientes administrativos de uma instituição como o IME começam a ser vistos como espaços de produção de memórias.

Este artigo apresenta inicialmente o referencial teórico sobre memória social e institucional, o percurso metodológico, seguido de uma trajetória resumida do IME, sendo finalizado com as considerações finais.

Referencial Teórico

O referencial teórico encontrou inspiração em questões sobre a complexidade (MORIN, 2003) e em autores da memória social (HALBWACHS, 2006; GONDAR, 2005; 2016), de teorias institucionalistas (ANDRADE, 2002), e da memória institucional (COSTA, 1997), entre outros.

Halbwachs contribuiu para o entendimento do funcionamento da memória ao mostrar que elementos da tradição, ou quadros coletivos anteriores à tomada de decisão pelos indivíduos, eram incorporados nas novas configurações feitas sobre o passado. Assim, a relação entre indivíduos e quadros sociais foi entendida como de “*manutenção de estruturas já dadas*”, apesar da percepção sobre a “*relação entre os diversos níveis em que estas estruturas se formavam*”. (SANTOS, 2003, p.48). Apesar de atribuir sempre aos quadros sociais o sentido imanente a práticas sociais, ele descreveu com extrema competência o papel desenvolvido pelos quadros sociais nas construções do passado, o que não fora feito até então. (SANTOS, 2003, p.51)

Foi Halbwachs quem primeiro afirmou que nenhuma lembrança pode existir sem a sociedade. Os problemas de sua concepção teórica decorrem da “*tentativa de eliminar outros fatores*” envolvidos na construção de memórias individuais e coletivas, compreensível diante das “*fortes correntes positivistas de pensamento de sua época*”. (SANTOS, 2003, p. 52).

Halbwachs (2006, p.41) sugere que parte das lembranças ressurgem porque é acionada a partir de recordações de outros indivíduos; e que mesmo que estes não estejam “*materialmente presentes*”, quando se evoca algum acontecimento compartilhado e visto sob o ponto de vista de um grupo, “*se pode falar em memória coletiva*”. A atualidade de Halbwachs (2006) encontra sustentação, na medida em que ele apresenta a construção e a força das memórias coletivas, a partir do trânsito do indivíduo entre os diversos grupos sociais, e do estabelecimento de diferentes pontos de vista, em consonância com os cenários complexos da contemporaneidade.

A década de 1990, fim de século e de milênio, tem sido apontada por diversos autores como um período de revisões, de ativação de processos memoriais e identitários. (CANDAU, 2014; ASSMANN, 2011; GONDAR, 2005). Como Candau (2014, p.91) aponta, são marcos temporais que representam a ocasião de fazer balanços, “*recapitular o passado para melhor afrontar um futuro que se apresenta sempre como incerto e, portanto, temido*”. Nesse sentido, a memória também se insere em um “*campo de lutas e relações de poder*”, que provoca, por sua vez, o embate entre esquecimento e lembrança, definindo-se como um conceito “*complexo, inacabado, em permanente processo de construção*”, produzido nos entrecruzamentos ou atravessamentos interdisciplinares. (GONDAR; DODEBEI, 2005, p.7). Estas autoras perceberam um ponto de intersecção com o problema da fragmentação de memórias no mundo contemporâneo, quando Halbwachs (2006) afirma, em *A Memória Coletiva*, que as memórias são tão numerosas quanto os grupos, “*situando a lembrança em uma encruzilhada para a qual contribuem muitos caminhos*”. (GONDAR; DODEBEI, 2005, p.8-9).

No estudo, os conceitos de memória coletiva e social foram entendidos como dimensões de um mesmo fenômeno complexo associado ao espectro do contexto apresentado. Portanto, entende-se que a memória social constitua um espectro mais amplo no qual se inscrevem as diversas memórias coletivas, vistas num sentido macrossocial, enquanto a memória coletiva é entendida como a memória compartilhada no interior de grupos mais ou menos estáveis interligados por interesses e objetivos comuns em um sentido microssocial (ANDRADE, 2002).

A “*aliança entre abertura e rigor parece ser o grande desafio conceitual, ético e político do campo da memória social*”, diante do qual Gondar (2005, p.11; 2016) apresenta cinco proposições, que caracterizam a memória como: polissêmica e transdisciplinar; um conceito ético e político; que implica o esquecimento; que não se reduz à identidade, e nem à representação. Desta forma, a percepção sobre a memória, coletiva e social, que orientou o ponto de vista do estudo e as escolhas teóricas e metodológicas baseou-se nos pressupostos de Gondar (2005), envolvendo a polissemia e a transdisciplinaridade; uma construção processual, que implicou o esquecimento, não se reduzindo apenas à identidade e à representação. Para o estudo realizado, entendeu-se que as manifestações e representações compreendidas pelo conceito de memória coletiva adquirem, no âmbito das organizações e instituições, os contornos de memória institucional, sendo este o termo adotado.

Em *As análises institucionalistas nas organizações e o conceito de institucional*, Andrade (2002) abordou o campo de estudos das teorias e análises institucionalistas, esclarecendo as diversas correntes de pensamento e identificando pares de distinção, entre os quais o macro e o micro institucionalismo, sendo este último o foco de sua atenção. (ANDRADE, 2002, p. 56). Conforme Andrade (2002, p.62), embora todas as organizações aspirem à institucionalização, quer se ocupem do lucro ou da dádiva, quer sejam centralizadas ou em rede, “*a vertigem da mudança*” as obriga a contínuas atualizações e ao que chama de produção de “*versões de si próprias, da sua identidade e do sentido dos seus negócios*”, o que acaba comprometendo o alcance da estabilidade institucional.

Costa (1997, p.8) pressupõe que o fenômeno da memória apresenta características especiais no quadro das instituições, e busca identificar o processo de institucionalização das práticas sociais, seus mecanismos de controle social e as “*mudanças que vem ocorrendo no contexto das sociedades industriais capitalistas*”. Para esta autora, as instituições não excluem a mudança embora ocorra uma contínua “*reprodução de práticas institucionais, transmitidas de geração para geração sob o manto da legitimidade*”. (COSTA, 1997, p.8).

A memória é um elemento primordial para o funcionamento e reprodução de instituições, retendo apenas informações que interessam ao seu funcionamento. A preocupação com a imagem junto à sociedade ampliou a divulgação das realizações institucionais, embora a autora perceba obstáculos para que se possa dispor dessas memórias. Como solução, Costa (1997) aponta para uma visão da memória como singularidade e não retenção de informações. Se somos e fazemos a instituição, conforme afirma Costa (1997), a memória institucional é reflexo dessa trajetória, com múltiplas facetas.

Passa-se a seguir à abordagem dos aspectos metodológicos.

Aspectos Metodológicos

Em termos metodológicos, desenvolveu-se um estudo de caso simples no Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cuja relevância deveu-se ao ineditismo de se estudar os aspectos de memória institucional e da gestão documental nesta unidade acadêmica da área de Ciências Exatas, de expressão nacional.

Compreendeu o estudo de uma “*unidade social*” analisada de forma profunda e intensa (MARTINS; THEÓPHILO, 2009, p.62), permitindo seu conhecimento detalhado. (GIL, 1989, p.78), e que envolveu pesquisa bibliográfica, documental, registros fotográficos, observação e dezoito entrevistas semiestruturadas realizadas com gestores dos órgãos responsáveis pela gestão documental e difusão da memória institucional da UFRGS e com servidores docentes e técnico-administrativos gestores e não gestores do IME. O estudo abrangeu o período de 1959 a 2016.

A etapa exploratória constou do levantamento bibliográfico e de algumas fontes documentais, tais como os relatos dos pioneiros, ou seja, os docentes que estiveram à frente da criação do IME quando ele ainda era apenas IM. A etapa de trabalho de campo combinou instrumentos de levantamento documental, fotográfico, observação e entrevistas. Para este artigo, fez-se um recorte das dezoito entrevistas realizadas, todas com autorização por escrito de cada entrevistado, dadas as dimensões do estudo. O tratamento do

material empírico e documental e análise consistiram no conjunto de procedimentos e etapas para compreender e interpretar os dados empíricos e articulá-los com a teoria que fundamenta o estudo. Minayo (2009) subdivide esta fase em três procedimentos: ordenação dos dados; classificação dos dados; e análise propriamente dita. Para este estudo, adotou-se a análise de conteúdo temática para o tratamento do material empírico, correspondendo à ordenação e classificação das categorias de análise que emergiram das entrevistas e da observação sistemática.

As observações realizadas no IME buscaram reunir informações sobre como o grupo percebia a memória e a trajetória institucional, e sobre a sua constituição, estrutura administrativa e área física, assim como sobre suas áreas de atuação e serviços prestados, para melhor compreender o cenário atual de gestão e da memória institucional, a partir dos entendimentos e decisões tomadas ao longo de sua existência. Os registros fotográficos consistiram na produção de imagens das antigas sedes do IME, das dependências da atual sede, mediante autorização dos gestores e pessoas identificadas nas imagens. As fotografias e observações foram utilizadas desde a fase inicial de elaboração da pesquisa, como forma de ordenar os eventos e tornaram-se primordiais na etapa de contextualização e de análises das entrevistas.

O recorte delineado a partir dos critérios norteadores viabilizou dezoito entrevistas: i) duas entrevistas, com as atuais gestões da Administração Central responsáveis pelas políticas de gestão de documentos e de patrimônio na Universidade, respectivamente a Direção do Arquivo Central e do Museu da UFRGS; ii) cinco entrevistas, com docentes, ex-diretores que atuaram em sete gestões do IME; iii) oito entrevistas, com servidores técnico-administrativos ocupantes de cargos de gestão do IME; iv) três entrevistas, com servidores técnicos-administrativos sem cargo de gestão.

O recorte das entrevistas envolveu os servidores docentes e técnico-administrativos que estavam em funções de gestão até outubro de 2016.

Para a análise, convencionou-se uma divisão em instâncias de decisão, da Administração Central até os servidores técnico-administrativos que executam as ações planejadas, o que resultou em quatro recortes de análise. Criou-se uma legenda em substituição aos nomes, cargos e funções, para preservação de suas identidades, levando em consideração as questões éticas. As direções da Divisão de Documentação e do Museu foram identificadas como Gestor Técnico-Administrativo da Administração Superior (GTAC); os ex-Diretores como Gestor Diretor (GD); os servidores gestores como Gestor Técnico-Administrativo do IME (GTA); e os demais servidores entrevistados foram identificados como Técnico-Administrativo (TA).

Instituto de Matemática e Estatística: trajetória resumida

O estudo foi realizado entre 2015 e 2017, abrangendo a trajetória do IME, que iniciou em 1959 até 2016. Com o objetivo de segmentar para melhor compreender, conforme afirma Candau (2014), convencionou-se que a trajetória seria segmentada em duas fases, conforme apresentadas no quadro 1.

Quadro 1 – Fases do Instituto de Matemática e Estatística da UFRGS

Fase	Época	Características principais
Antiga	1959 a 1985	Período em que passa por três sedes até a mudança do então denominado Instituto de Matemática do campus centro para o campus do vale.
Contemporânea	1985 a 2016	Conquistas e desafios do instituto no campus do vale.

Fonte: Dados desta pesquisa

As respectivas fases são descritas e analisadas a seguir.

Fase antiga

A análise da pesquisa documental identificou três relatos que em seu conjunto se complementam e auxiliam na compreensão e reconstrução da trajetória inicial do IME. Além dos relatos dos pioneiros Tietböhl (1989) e Rodrigues (1991), localizou-se o texto de Taitelbaum e Brietzke (2004), até então sem datação ou registro físico, circulando na *web*. Os três formam um conjunto de relatos memoriais sobre a fase inicial do IME.

Nesta fase foram evidenciados diversos movimentos que antecederam a criação do então Instituto de Matemática, como um instituto de pesquisas, e que remontam à Segunda Guerra, e à influência das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo e do Rio Grande do Sul na formação científica de pesquisadores que passaram a se organizar em torno de novos espaços de atuação.

Ele [IM] surgiu assim, como consequência de um movimento que houve entre cientistas brasileiros depois da segunda guerra mundial, porque com a bomba atômica ... ficou bem claro, assim, que o futuro das nações estava vinculado com o seu conhecimento científico. (Entrevistado(a) GD2).

O Instituto de Matemática é delineado como um Instituto Científico, a partir da criação por Portaria nº116, em 09 de março de 1959 e posteriormente como Instituto Central, por portaria nº 896, de 19 de outubro de 1970, resultando da reunião de setores fragmentados, como a Divisão de Matemática do Centro de Pesquisas Físicas e o Departamento de Matemática e Física, da Faculdade de Filosofia, dos quais Tietböhl aparece como gestor. (TIETBÖHL, 1989). A reforma universitária de 1968 institui novas atribuições e características, passando o Instituto de Matemática a ter a configuração atual com dois departamentos: o de Matemática Pura e Aplicada (DMPA) e o de Estatística (DEst), de acordo com Taitelbaum e Brietzke (2004, p.7).

É Tietböhl (1989) quem relembra as antigas sedes do Instituto de Matemática, em uma sala comercial de um edifício, mudando-se para uma casa de dois pavimentos e posteriormente sediando-se no prédio do ex-Instituto Parobé, no campus central da UFRGS. Com o crescimento, surge a necessidade de mais espaço físico, como indicado em entrevista, a seguir:

[...] nós trouxemos os primeiros microcomputadores, que eram umas coisas imensas e valiam menos do que qualquer celular hoje, em termos de memória [...] E tinha que ter os espaços. Então a gente ocupava espaço até debaixo de escada e tudo, para colocar os computadores, porque não tinha sala própria. [...] Acho que os primeiros computadores do Instituto foram comprados em [...] oitenta e dois, por aí. (Entrevistado(a) GD1).

O outro marco foi em [mil novecentos e] oitenta e cinco quando o Instituto se transferiu para o campus, [...] ele passou a ter uma sede própria, porque na verdade até ali a gente estava no prédio do Parobé, que era da Escola de Engenharia, que não era nosso, né. Então aí fomos para o campus [...]. (Entrevistado(a) GD2).

A seguir são apresentadas fotos das antigas sedes do Instituto de Matemática:



Figura 1: Primeira sede em sala alugada no Edifício Jequitibá

Fonte: acervo da pesquisa

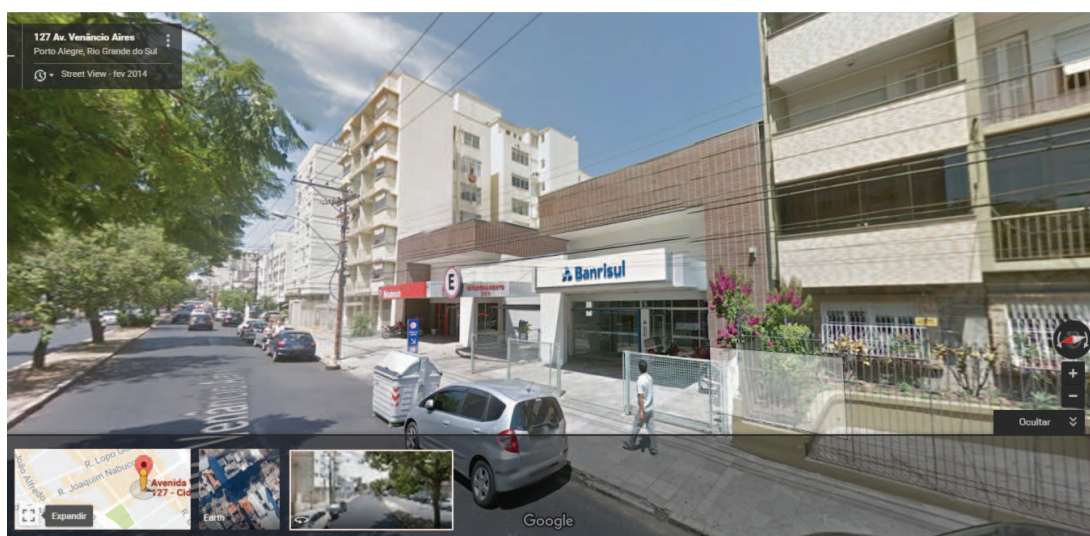


Figura 2: Local da segunda sede atualmente é uma agência bancária

Fonte: Google Maps



Figura 3: Terceira sede no terceiro pavimento do Edifício do antigo Instituto Parobé

Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Cláudio R. Macedo

Se na primeira fase, em 1959, o Instituto de Matemática era formado pelas divisões de Matemática Pura, Matemática Aplicada e Ensino; com a reforma universitária de 1968 vêm novas atribuições e características, passando a ter a configuração atual com dois departamentos: o de Matemática Pura e Aplicada (DMPA) e o de Estatística (DEst). De acordo com Taitelbaum e Brietzke (2004, p.7), a reforma “*promoveu a passagem de uma universidade estruturada como uma ‘federação’ de escolas e faculdades para uma universidade estruturada a partir de departamentos*”.

Três dos docentes entrevistados iniciaram suas trajetórias acadêmicas e profissionais na sede do Campus Centro, no prédio do antigo Parobé. Suas lembranças compõem imagens que, embora distantes no espaço e no tempo, apresentam interesses e preocupações comuns e revelam os múltiplos e complexos elementos que se inter-relacionam para formar a memória institucional. Em conjunto, suas lembranças traçam um cenário que remete a outro espaço e a outro tempo.

Diante do exposto, volta-se a Costa (1997, p.128) para a qual as lembranças são como impressões de acontecimentos e experiências vivenciadas através do tempo, que emergem na memória dos indivíduos. Descrevê-las, assim como identificá-las, se positivas ou negativas, somente é possível a partir da vontade de expressão de seus pontos de vista, pois “*cada um sente a vida à sua própria maneira, com os valores que estabelece ou que incorpora da experiência social*”.

Portanto, é preciso ter em mente que o aflora no presente não se reduz a uma cópia fiel do vivido no passado, mas antes uma recriação no presente com o acervo que se dispõe no momento da recuperação das informações.

Fase contemporânea

Entre os testemunhos da transição (para a aqui identificada fase contemporânea), Taitelbaum e Brietzke (2004), apresentam memórias sobre a mudança de sede para o campus do vale. O período de consolidação como unidade acadêmica, voltada ao ensino, pesquisa e extensão, conforme os pressupostos da UFRGS é identificado como a fase contemporânea (1985-2016).

A criação da ênfase em Matemática Aplicada e Computacional, em 1988, no curso de Bacharelado em Matemática, fez surgir um grupo de pesquisadores da área, o que levou à criação do curso de Mestra-

do em Matemática Aplicada, em 1995. Da mesma forma, o grupo de docentes com enfoque no Ensino da Matemática revitalizou o curso de licenciatura diurna e noturna, e fez surgir o Mestrado em Ensino da Matemática, em 2004. Este processo é abordado por um dos entrevistados, como se apresenta a seguir:

Já no tempo do antigo Instituto lá na [Av.] Venâncio Aires tinha dois setores: o de Matemática Aplicada e o de Matemática Pura. Isso depois foi diluído. Quando da criação da Reforma Universitária isso foi diluído. [...] mas depois, com a pós-graduação, novamente se criou esses dois setores, Matemática Aplicada e Matemática Pura, os dois foram se desenvolvendo. E mais tarde também surgiu a área do Ensino de Matemática. (Entrevistado(a) GD2)

O foco voltou-se ao entendimento e às percepções, pelos(as) entrevistados(as), sobre a memória institucional como um elemento de referência para a memória do IME, diante de um cenário em constante mutação, como observado a seguir: “[...] eu olho pra trás e não tem mais ninguém daquela época e quem agora faz parte desse grupo que gerencia e que toma as decisões é o [d]as pessoas que entraram comigo.” (Entrevistado(a) GD5).

Em julho de 1985, o Instituto de Matemática mudou-se para a atual sede no Campus do Vale, localizado na Av. Bento Gonçalves, 9500, bairro Agronomia, Porto Alegre, RS, próximo ao município de Viamão.

O IME compõe um conjunto formado pela sede administrativa, no andar térreo do Prédio 43111; pelo andar térreo e superior do prédio 43112 ocupado por salas dos docentes; dois módulos de serviço entre prédios (onde se localizam Diretório Acadêmico, reprografia, cozinha, banheiros, almoxarifado e depósito); pelo anfiteatro e dois laboratórios de informática, no prédio 43123; e pela Biblioteca, no andar térreo do prédio 43124.



Figura 4: Sinalização externa do Campus Vale

Fonte: Acervo da pesquisa

Com a mudança da nomenclatura, de Instituto de Matemática para Instituto de Matemática e Estatística, ocorrida em junho de 2015, foi criada nova identidade visual, implantada apenas no final de 2016, para o *site*, documentos e sinalização interna. A intenção foi dar visibilidade ao campo científico da Estatística, embora o conjunto do IME continue a ser identificado apenas como “*a Matemática*”, o que pode ser reforçado pelo fato da sinalização externa manter a designação antiga.



Figura 5: Alameda de acesso ao IME entre os Prédios 43211 e 43212.

Fonte: acervo da pesquisa



Figura 6: Recepção do IME

Fonte: acervo da pesquisa. **Foto:** Cláudio R. Macedo



Figura 7: Secretaria Geral, atual Gerência Administrativa.

Fonte: acervo da pesquisa.

O IME atua em consonância com os pressupostos da UFRGS, constituídos por ensino, pesquisa e extensão universitárias indissociáveis. Sua missão, objetivos, estrutura e funções constam de Regimento Interno, em conformidade com o Estatuto e Regimento da UFRGS, sendo também apresentados no *site* institucional.

Entre conquistas e desafios, nas falas de gestores docentes contemporâneos emergiram questões

fortemente vinculadas ao tempo presente, associadas à administração e ao planejamento, como nos destaques a seguir:

Eu acho que tem que ter um fortalecimento interno ... e as pessoas colaborarem mais [...] Que no instante em que a gente conseguir esse tipo de visibilidade, e isso se traduzir em ganhos efetivos mesmo. (Entrevistado(a) GD4).

Então talvez nesse momento de crise a gente consiga fazer isso. Mas o ideal seria que as pessoas realmente enxergassem que a solução do problema não está só no cargo de diretor, não está só no cargo do chefe de departamento, do coordenador da COMGRAD, né. Que tem que trabalhar todo mundo junto senão ... as coisas não se resolvem. (Entrevistado(a) GD5).

Em suas falas, os gestores contemporâneos manifestaram pouca menção ao passado ou a percepção de pertencimento e de continuidade: “*eu sei de história e de relato de colegas.*” (Entrevistado(a) GD5)

Segundo Gondar (2005, p.25), o afeto é a dimensão que ativa o processo de produção de memórias, uma vez que só nos lembramos daquilo que nos afeta. É assim que se entende o relato a seguir:

[...] eu trabalhei lá (riso) quando ainda não tinha nem ... esse sistema. Eu trabalhava com o [MS] Word e tinha que sair correndo com meu disquete pra imprimir na única sala que tinha impressora. Tinha que botar o sistema no computador ... XP, né. Mas eu vi essa passagem. [...] O meu primeiro e-mail foi [feito] lá [no IME]. (Entrevistado(a) GTAC2).

Além disso, as pesquisas documental e bibliográfica possibilitaram apontar três momentos, como fatores externos que promoveram mudanças sensíveis no IME: reforma universitária de 1968, o REUNI em 2009 e o PDI 2011-2015. A reforma reestruturou as Universidades, tendo como consequência a mudança de finalidade do Instituto de Matemática, tornando-o uma unidade universitária com os contornos atuais; o REUNI³ expandiu o acesso ao ensino superior e ampliou a demanda por vagas, o que repercutiu nas unidades acadêmicas; e o PDI têm buscado direcionar estrategicamente a Universidade.

As percepções sobre as mudanças envolveram as observações de várias reestruturações que culminaram, em junho de 2015, na alteração da nomenclatura, de Instituto de Matemática para Instituto de Matemática e Estatística, criando-se nova identidade visual, implantada apenas no final de 2016, para o *site*, documentos e sinalização interna.

Até dezembro de 2016 o Instituto de Matemática e Estatística contava com cento e trinta e oito servidores, entre docentes e técnico-administrativos: noventa e nove docentes, dos quais vinte e sete do Departamento de Estatística (DE) e setenta e dois do Departamento de Matemática Pura e Aplicada (DMPA); vinte e quatro técnicos-administrativos, quatro professores substitutos e onze docentes que mesmo aposentados, mantinham vínculo como colaboradores em atividades de pesquisa e de extensão. Este número não incluiu um grupo mais recente de colaboradores terceirizados, pois suas características são a alta rotatividade e a flutuação, tendo em vista as interrupções nos contratos entre a Universidade e as empresas terceirizadas.

Considerações e Observações Finais

No decorrer deste estudo, buscou-se sistematizar, de maneira reduzida, a trajetória do Instituto de Matemática e Estatística, da criação em 1959 até 2016, procurando entrelaçá-la aos contextos nos quais ele

³ O REUNI é o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. Instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e integra o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) que reconhece o papel estratégico das Universidades Federais para o desenvolvimento econômico e social.

está inserido e com os quais mantêm interlocução: em interface com a UFRGS, razão de sua construção; com as demais unidades acadêmicas e a Administração Central; e com a sociedade.

Foram identificadas duas fases principais durante a trajetória do IME: a antiga, que corresponde ao intervalo entre 1959 e 1985 e a contemporânea, que vai de 1985 a 2016. Percebem-se vários elementos em comum entre as duas fases, sobressaindo-se os de conquistas e desafios.

Os gestores docentes, cuja formação e ingresso no IME ocorreram após 1985, demonstraram que o contato inicial com o mesmo foi apenas por ocasião das aulas na graduação. Por outro lado, estes gestores trazem viva memória sobre o desenvolvimento dos grupos formados pelas áreas de conhecimento aos quais se vinculam, indicando que a multiplicidade de memórias é construída a partir dos pontos de vista dos vários grupos que compõem o IME. Se por um lado há indicativos de que os relatos têm sido transmitidos oralmente, significando que há uma continuidade na transmissão, por outro lado pode estar ocorrendo uma fragmentação de memórias, pois se identificou que as lembranças mais vivas se relacionam ao desenvolvimento dos cursos e não do IME como um todo. (CANDAUI, 2014).

A partir das evidências da pesquisa foi percebida uma mistura entre trajetórias profissionais e institucionais, mas emergiram também questões fortemente vinculadas ao tempo presente, associadas à administração e ao planejamento, manifestando pouca menção ao passado ou a percepção de pertencimento e de continuidade. As evidências denotam também entraves administrativos macroinstitucionais, assim como conflitos internos. (ANDRADE, 2002). Infere-se que estes dois aspectos são vistos como os maiores desafios para o desenvolvimento do IME e da própria Universidade.

O Instituto de Matemática tornou-se Instituto de Matemática e Estatística, através da Decisão n0233/2015 do Conselho Universitário, de 19 de junho de 2015, proporcionando maior visibilidade à ciência Estatística, mas também assinalando o resultado de esforços conjuntos e um momento de decisões que culminaram nessa mudança. A transição ocorreu de forma discreta, sem comemorações.

Observou-se, no IME, um grupo de indivíduos que, no decorrer do tempo, vêm articulando um espaço de reflexões, práticas educacionais e administrativas, assim como de memórias compartilhadas. Espaço baseado em muitos pontos de vista que promovem concordâncias e conflitos, mas que seguem contribuindo, por meio de seu trabalho, para a constituição e a permanência da instituição no tempo, e que tem produzido registros documentais dessa memória, como produtos de ações no mundo.

Como é um processo dinâmico, durante o desenvolvimento deste estudo as mudanças continuaram a ocorrer. Muitas das quais impactam e têm reflexos que justificam a necessidade de aprofundamento em estudos na área de memória institucional.

Referências

ANDRADE, Rogério Ferreira de. As análises institucionalistas nas organizações e o conceito de institucional. **Revista de Comunicação e Cultura**, Portugal, n.3, 2002.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. São Paulo: UNICAMP, 2011.

- BARBOSA, Andréia, Arruda de. **O Lugar da Memória nas Organizações Complexas**. In: Congresso brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas, 4. ABRAPCORP, 2010.
- CAMPOS, José Francisco Guelfi. **Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo**. 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- CANAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. 1997. 169f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- GOMES, Sandra Maria. **Memórias no Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS: uma anamnese Institucional através dos Relatórios Técnicos de Pesquisa**. 2016. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2016.
- GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô. (Orgs.). Por que memória social? **Morpheus: estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial**, Rio de Janeiro, v.9, n.15, 2016.
- GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (Org.). **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Contra-capá, 2005.
- GOULART, Medianeira Aparecida Pereira. **Políticas arquivísticas no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul [manuscrito]: Arquivo Central e cultura organizacional, um elo indissociável**. 2016. 157f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da Investigação Científica Para Ciências Sociais Aplicadas**. 2.ed. São Paulo, Atlas, 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MOLINA, Letícia Gorri; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Memória organizacional, memória corporativa e memória institucional: discussões conceituais e terminológicas. **Revista EDICIC**, v. 1, n.1, p. 262-276, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115215>>. Acesso em maio 2015.
- MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. (Org.). **Para Navegar no Século XXI – Tecnologias do Imaginário e Cibercultura**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2003.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v.10, p.7-28, 1993.
- RIKOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.
- RODRIGUES, Antonio. Reminiscências de um ex-diretor: um depoimento de memória. **Cadernos de Matemática e Estatística**. Série C, Colóquio de Matemática SBM/UFRGS. Porto Alegre, n. 15, p. 1-15, abr. 1991.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Anablume; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2003. 210 p.

SCHMITT, Michele. Sobre uma Memória Sem Sujeito!? SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2., 2005, Porto Alegre, RS. **Anais eletrônicos ...** Porto Alegre: SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] UFRGS , 2005. Disponível em:<<http://www.analisedodiscorso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html>>. Acesso em: 24 set.2016.

TAITELBAUM, Aron; BRIETZKE, Eduardo. **Um pouco da história do Instituto de Matemática da UFRGS: origens [manuscrito]**. Porto Alegre: IME, 2004. 12 p.

TIETBOHL, Ary Nunes. Criação do Instituto de Matemática da UFRGS. **Cadernos de Matemática e Estatística**. Série C, Colóquio de Matemática SBM/UFRGS. Porto Alegre, n. 12, p. 1-8, mar. 1989.